

Começo de Conversa

Fernando Albrecht
fernando.albrecht@jornaldocomercio.com.br



A múmia da Ramiro

Na quinta-feira, a página publicou foto da Casa Torelly, na avenida Independência, que está sendo revitalizada, providência que rendeu comentários elogiosos de leitores. A imagem de hoje também é de Porto Alegre, de um casarão de 1911 na rua Ramiro Barcelos, que não tem igual sorte: oca por dentro e periclitante por fora. Parece uma múmia sem recheio, só com as bandagens.

FERNANDO ALBRECHT/ESPECIAL/JC



Mania de capotamento

Chama atenção a grande incidência de carros capotados em Porto Alegre. Na quinta-feira, houve um na rua Lucas de Oliveira que resultou em enorme congestionamento. Na madrugada, um carro rodopiou e ficou de pé na saída do Túnel da Conceição. Na avenida Ipiranga, vez por outra um automóvel toma banho no Arroio Dilúvio. Às vezes, é resultado de noites molhadas por água que passarinho não bebe; em outras, é imperícia mesmo. O que explica boa parte dos acidentes nas estradas. O povo chama esse tipo de motorista de "meia-roda".

Nova Rua Coberta

A prefeitura de Gramado concluiu o processo licitatório que definirá o futuro da Rua Coberta. A cooperativa Sicredi foi a grande vencedora da concorrência pública e assumirá integralmente os custos de revitalização da Rua Coberta, garantindo também a concessão dos naming rights (direitos de nomeação) do espaço pelo período de 20 anos. A obra está orçada em R$ 11,9 milhões.

Por falar em Gramado

O Natal Luz ocupa o segundo lugar na lista de festas populares favoritas e mais desejadas pelos brasileiros, de acordo com a pesquisa "O Brasil no espelho", da Quaest. Atraiu mais de 2,8 milhões de pessoas na última edição.

Caixinha, obrigado

O governo federal deve propor o adiamento da cobrança da CBS para fevereiro de 2027. Como se recorda, o Tribunal de Contas da União (TCU) sugeriu a alíquota do imposto em 11,3% para 2027; a taxa pode resultar em R$ 147 bilhões a mais de arrecadação do que o estimado.

Cinema ao ar livre

O Shopping Total recebe neste sábado, às 19h, uma sessão gratuita de cinema ao ar livre no Largo Cultural. A atração será o filme brasileiro *Uma Carta para Papai Noel*, em uma iniciativa do projeto Arte Sesc – Cultura por toda parte, realizada pelo Sesc Alberto Bins. A ideia é reunir famílias, então levem suas cadeiras.

A saúde e o 6x1

O fim da escala 6x1 preocupa hospitais, clínicas e laboratórios brasileiros. A mudança poderá representar um custo adicional entre R$ 7 bilhões e R$ 12 bilhões por ano, segundo estimativas de Antonio Britto, diretor-executivo da Associação Nacional de Hospitais Privados (Anahp). Britto foi governador do Rio Grande do Sul de 1995 a 1998. Por sinal, por onde passou sua atuação na iniciativa privada sempre é elogiada.

HISTORINHA DE SEXTA

A caneta-tinteiro e outras histórias

Quem nasceu para esferográfica Bic nunca chegará a uma caneta Waterman. Quer dizer, pelo menos no preço. Mas antes de dizer quanto custa uma beleza dessas, retrocedamos aos anos 1950, quando da geração que hoje já passou folgado dos 70 anos.

No ensino fundamental ou primário, como se chamava naquele tempo, escrevia-se com giz no quadro negro e com uma estranha pedra que riscava um mini quadro chamado lousa. Só de lembrar o som destes dois bicudos que não se beijavam, dá um não-sei-o-que nos dentes.

Felizmente a lousa estava a caminho da extinção, então, para fazer o tema usava-se lápis, que ia de 2 a 3 conforme a dureza do grafite espetado bem no meio de um pedaço de madeira roliço. O número 1 gastava rápido, mas era mais fácil de apagar com a borracha marca Mercur.

Então, se "apontava" o lápis com o que estivesse mais à mão, tipo canivete. Esses "apontadores" mais modernos, de enfiar o lápis e girá-lo, só apareceram mais tarde.

Surgiu uma caneta meia-boca, a Schaeffer, mas o sonho de consumo de todos os estudantes era a caneta Parker 51 – houve uma 21, mas não a peguei. Era uma pena especial com uma mini bolinha de ouro ou aço inox na ponta, deslizava pelas páginas do caderno com suavidade. Mas era muito cara, normalmente se ganhava uma de aniversário, Natal ou na formatura do ginásio. Por isso se escolhia um paraninfo rico.

Ao girar e retirar a tampa, a pena aparecia nua; mais atrás, uma borracha molenga abrigava a tinta azul ou preta. Era chamada de indelével, e perdi muita camisa por vazamento de combustível da escrita. Cientes do estrago, os fabricantes de tinta de escrever lançaram o "azul lavável". Foi um pequeno passo para a humanidade, mas um salvador de camisas que podiam ser lavadas.

Mas antes da cara Parker, apareceu uma caneta-tinteiro barata e confiável, a Compactor. Na Parker 51 se apertava o tubinho de borracha com a pena mergulhada no tinteiro, que então sugava a tinta. Na Compactor, esse mecanismo consistia em uma peça retrátil; tirada do seu ninho e puxada para fora, aspirava a tinta.

Imaginem a mangueira do posto de gasolina, só que rígida e embutida na bomba. Pois é. Funcionava assim, só que em miniatura. E então lembrei de uma caneta-injeção de insulina usada pelo Paulo Sant'Ana.

Eu estava almoçando com amigos na Churrascaria Mosqueteiro, no Estádio Olímpico, e o trêfego colunista deitava falação na mesa ao lado mostrando a tal caneta – ele era diabético. Então levantou e foi para o banheiro, dizendo que ia aplicar uma dose. Voltou pouco depois e não parecia contente. Contou que, ao levantar a camisa para aplicar a insulina, um guri com jeitão hippie viu a cena e entendeu errado:

– *Tio, vai firme que não tô vendo nada.*

A Compactor me deu muitas alegrias e poucas tristezas; alegria quando, usada no exame, me dava 10; tristeza quando vinha um 4 ou 3 ou, pior, um redondo zero. Devo dizer que tive poucos zeros na minha vida estudantil, mas muito me envergonharam perante meus pais, especialmente o pai.

A Parker 51 que ganhei do paraninfo do ginasial, o doutor Lauro Juliano, durou uma eternidade. Lembro dela já homem feito. Quando faleceu de causas naturais, a borracha se soltou do tubo e ela se esvaiu em tinta azul lavável, o sangue das canetas daquele tempo. Talvez arteriosclerose. Bebia muito, mas eu só dava a ela tinta boa.

Então veio o império da longeva francesa Bic, e permitam-me contar outro causo. Em uma entrevista ao programa Crítica & Autocrítica da TV Bandeirantes, um dos entrevistadores perguntou ao doutor Antônio Ermírio de Moraes se era verdade que seu pão-durismo era tanto que só dava uma Bic nova se mostrasse a vazia.

– *Bem, meu caro, a Votorantim tem 43 mil funcionários. Se eu não cobrasse a vazia antes de dar uma cheia, imagina o prejuízo.*

Uma Waterman? A mais baratinha custa quase três quilos de alcatra, como se dizia antigamente.